



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MIGRAÇÕES NA SOCIEDADE MODERNA: O CASO DOS ESTUDANTES AFRICANOS NO BRASIL

Lorena Francisco de Souza

Doutoranda em Geografia Humana/bolsista CNPq – Universidade de São Paulo

E-mail: loresouza@usp.br

Orientador: Prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann

Considerações Iniciais

Propomos discutir as migrações internacionais na atual conjuntura da sociedade moderna, problematizando a vinda de estudantes africanos para cursarem o ensino superior nas universidades brasileiras, destacando os acordos econômicos estabelecidos entre países africanos e outros países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Para tal, cabe investigar e iniciar uma discussão a partir da crise vivida pela sociedade moderna no contexto das transformações do capital, porém destacaremos a mobilidade estudantil vista como uma alternativa governamental para o chamado crescimento econômico e político de um Estado.

A mobilidade de estudantes entre os países em desenvolvimento tem sido uma realidade cada vez mais presente e incita-nos a pensar no migrante pela óptica dos acordos internacionais, a corrida pela qualificação profissional que se torna uma exigência fundamental num sistema competitivo e auto-destrutivo. Procuramos verificar também como se configura as relações desses migrantes com os não-migrantes no âmbito das universidades receptoras e nos espaços de socialização.

Esta discussão segue o objetivo de compreender a migração estudantil como um fenômeno recente no âmbito das migrações internacionais, que tem destacado a mobilidade de estudantes entre os países em desenvolvimento e incita-nos a (re)pensar e questionar o fenômeno migratório do ponto de vista dos acordos internacionais, da concepção sobre a qualificação profissional para responder às exigências do mercado, além da (re)construção de identidades e subjetividades do/a estudante migrante.

Em termos de quantificação, ainda não há registros consideráveis desse tipo de fluxo migratório, no entanto, ela se destaca quando nos remetemos à qualificação acadêmica e profissional da categoria (ZAMBERLAM, 2009), demonstrando que houve uma expansão geral da educação (DESIDERIO, 2006).

Acredita-se, no discurso político vigente, que os universitários, através de sua capacidade de liderança transformadora, associada à pesquisa e à extensão, podem



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

assumir posteriormente uma importância na sociedade de origem enquanto componentes estratégicos para o seu desenvolvimento socioeconômico, político e cultural.

No entanto, enfocamos também uma preocupação no que tange à educação orientada pela demanda do mercado, os interesses comerciais e estratégicos, com a intensificação de acordos multi e bilaterais.

Temos observado que o discurso da política universitária de voltar-se para o desenvolvimento econômico nacional dá lugar atualmente à perspectiva de responder às demandas do mercado, o que afirmamos ser a concepção da educação vista como mercadoria. Como afirma Krawczyk (2008 apud ZAMBERLAM et al., 2009), o ensino e a pesquisa nas universidades passam a privilegiar os interesses comerciais e estratégicos do mercado. Assim, a educação para servir ao mercado se concretiza e se reforça nos acordos bi e multilaterais estabelecidos, abarcando interesses científicos, tecnológicos e culturais.

Visamos também relembrar o conceito de fetichização da mercadoria exposto por Marx (1993) para explicar a transformação das relações humanas e sociais em “negociações” que visem a alimentação do sistema produtor de mercadorias. A mobilidade estudantil é um rosto da mobilização da força de trabalho para servir ao processo de modernização do Capital.

A migração e o trabalho na sociedade moderna

Ao considerar a migração de estudantes africanos/as para o Brasil como central numa pesquisa de doutorado, afirmamos que esse tipo de migração vem ganhando cada vez mais força e acaba nos dizendo da conjuntura política atual entre os países de Língua Portuguesa.

Temos de considerar as especificidades dos países africanos de língua portuguesa no que tange aos seus aspectos estruturantes e históricos que configura atualmente uma elevada taxa de emigração e que Gusmão (2006) considera o fato de a migração de estudantes africanos não se tratar de um simples deslocamento de indivíduos, assim como nenhuma outra modalidade de migração. Uma de suas principais particularidades corresponde ao fato de serem promessas de desenvolvimento para seus países, de serem responsáveis por novas possibilidades de empreendimento,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de melhoria nas áreas da saúde e educação, estabilidade de empreendimentos comerciais com parceiros nacionais e internacionais, inserção na política, dentre outros.

A consideração sobre a mão-de-obra imigrante é de suma importância no entendimento da crise no mundo do trabalho e dos mecanismos utilizados para a superação da crise do Capital. Debruçamos sobre os/as trabalhadores/as imigrados/as, em condições cada vez mais precárias de trabalho e deslocamento.

Os/as migrantes constituem uma força de trabalho móvel que pode ser deslocada de estabelecimento para estabelecimento ou de ramo para ramo, segundo a conjuntura e que pode ser devolvida à procedência sem tensões nem gastos sociais importantes. Eles nem sequer são donos da sua força de trabalho, pois seus deslocamentos são submetidos à exigência da lei e das necessidades do capital – mobilidade forçada, não disponibilidade dos mesmos direitos sindicais, não-direito à expressão cultural própria etc.

O/a migrante é agente e produto dos deslocamentos. As migrações nem sempre deixam marcas visíveis na paisagem como a urbanização e industrialização, mas a fluidez e a dinâmica do espaço confirmam a importância delas. Não é difícil vermos estudos que atentam para o caráter de “deslocado” do/a migrante, de uma espécie de desespacialização vivida por ele/a, transforma-o num objeto de exploração capitalista ainda mais frágil e submetido (PÓVOA NETO, 2001).

Para pensarmos a questão migratória, nos referimos ao contexto da reestruturação produtiva. Embora o Capitalismo não tenha o mesmo ritmo de absorção do trabalho, a condição móvel dos vendedores de força de trabalho não é inerente, não é inata, mas adquirida e produzida historicamente. O Capitalismo precisou e precisa apelar para a produção da mobilidade, para a produção do trabalhador flexível que tem de se dobrar às suas necessidades.

A reestruturação produtiva agravou a crise do Capital, provocando profundas mudanças no mundo do trabalho, como o desemprego estrutural e condições precárias de trabalhadores. No entanto, o Capital cria mecanismos de superação da crise, reorganizando seu sistema de dominação.

Considera-se a crise estrutural do modo de produção capitalista a partir do fordismo no decorrer das décadas de 1960 e 1970 em decorrência de queda nas taxas de lucro, aumento do valor da força de trabalho e redução dos níveis de produtividade do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

capital industrial, diminuição do consumo com o desemprego estrutural e, por fim, a hipertrofia da esfera financeira. Além de outras catástrofes, em termos sociais, houve uma intensificação da exclusão de países do Terceiro Mundo do compromisso social-democrata.

O aumento gradual da reestruturação produtiva nos anos 1990, no contexto da crise e internacionalização da economia, alterou substancialmente o funcionamento do mercado de trabalho, aumentando as taxas de desemprego, precarização e informalização do trabalho (ARAÚJO e FERREIRA, 2000). Tais transformações nas cadeias produtivas culminaram com uma profunda contradição do processo de transformações produtivas com inovações tecnológicas cada vez mais avançadas e contratação de mão-de-obra pouco qualificada.

Dessa forma, surge um paradoxo de estabilidade e de instabilidade da força de trabalho (HIRATA, 1984). A chamada estabilização corresponde a um mínimo de trabalhadores/as qualificados/as com relativa autonomia e responsabilidade na produção, enquanto a instabilização tem uma demanda global e favorece o aumento do desemprego e subemprego, além de uma superexploração do/a trabalhador/a.

No que tange às delegações do Estado e de sua soberania, no raciocínio de Haesbaert e Gonçalves (2006), ele, pela constituição jurídica, deveria ter o controle exclusivo de relações sociais pelo controle do espaço, mas essa premissa foi abalada com a ampliação das escalas a nível global sobre poluição, gestão de recursos naturais e mobilidade da população através das redes de migração globalizadas. Ao mesmo tempo em que o Estado procura exercer o poder, não consegue responder pelas mudanças decorrentes da crise, mas procura criar estratégias para contorná-las.

A CPLP e os acordos bilaterais Brasil X África: a mobilidade estudantil

O ano de 2002 representou um marco importante entre o Brasil e a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) que culminou com as novas sanções estabelecidas no sentido de destacar potencialidades e parcerias. Dentre as estratégias visadas, podemos citar a redução de barreiras internas das legislações nacionais, cooperação técnica na área da saúde e ciências em geral, além de transferência de tecnologias.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A CPLP, desde sua criação em 1996, ainda não teve tempo para se libertar das diferenças e particularidades provenientes da convivência histórica dos oito países integrantes (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-leste). O surgimento da CPLP aconteceu numa época em que as relações comerciais, diplomáticas e estratégicas do Brasil com os países africanos estavam frágeis, ocorrendo uma diminuição considerável de diplomatas nestes países e deslocamentos para países que galgavam maiores interesses por parte do Estado brasileiro.

O abandono das relações estabelecidas anteriormente entre Brasil e África levou à (re)constituição de laços político-econômicos firmados na década de 1970, dentre eles, a intensificação dos programas de convênio entre universidades que promoveram a vinda de estudantes africanos/as.

Havia um desinteresse generalizado sobre as questões que envolviam o continente africano, mais especificamente, os países colonizados pela metrópole portuguesa. Saraiva (2011) nos chama a atenção pelo fato de que o silenciamento sobre o continente africano no cenário nacional, na universidade e nas mídias comprova a perda do que ele chama de “vocação atlântica” entre estes países que possuem alguns aspectos em comum.

No Governo Lula (2003-2010) ocorreu uma transforma o das rela es internacionais no intuito de torná-las mais difusas no sentido de interpenetrar na es, Estados e culturas, gerando demandas entre os atores sociais e agentes econ micos por uma maior transparência na formula o das políticas externas nacionais (SARAIVA, 2011). A estratégia nesse momento refere-se   assum ncia da liderança nos programas de coopera o, no que concerne principalmente às áreas de saúde, agricultura e educa o.

O que destacamos também   o fortalecimento de projetos de coopera o que visem a forma o profissional de jovens africanos, já estabelecidos desde a década de 1970, como o PEC-G (Programa de Estudantes – Convênio de Gradua o) e o PEC-PG (Programa de Estudantes – Convênio de Pós-Gradua o) nas universidades brasileiras que garantem a forma o superior de africanos/as no Brasil. O continente africano   um dos maiores beneficiados com o Programa, em destaque para Cabo Verde e Guiné-Bissau que lideram o ranking do  ndice de estudantes. Estes dois convênios representam



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

a principal porta de entrada de estudantes africanos no Brasil, portanto, de suma importância para nossas investigações.

Para Sayad (1998) a migração, antes de tudo, é um fenômeno físico, é o deslocamento de pessoas no espaço e, no seu íterim interdisciplinar, significa que está estreitamente vinculada à demografia, à geografia, visto que esta em específico, correspondente ao ponto central de nosso olhar e preocupação, revela a trama da ocupação de territórios, as transformações socioespaciais em seus diferentes aspectos. No entanto, a migração se constitui como espaço qualificado social, política, econômica e culturalmente.

O que o autor nos evidencia é que o/a migrante só existe na sociedade a partir do momento em que ele pisa outro território que não o seu, é nesse instante que ele “nasce” e, assim, ele se apresenta como um indivíduo sem trajetória. Sayad (1998) é bastante enfático ao nos apresentar as tramas do poder quando se problematiza as chamadas emigração e imigração do ponto de vista teórico, mas também da própria vivência espacial das mesmas que pode não permitir o reconhecimento de direitos e inserção nas estruturas econômicas internas.

Não é difícil percebermos também que a migração reflete duas contradições, “não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade” (1998, p. 45).

Remetemos à condição/situação do/a migrante estudante africano, a partir de nossas observações “participantes”, ainda na condição de estudante de graduação, que há uma intensidade em vivenciar a chamada provisoriedade, buscando conhecer outras cidades do país receptor, aproveitando suas redes sociais – amigos e parentes – provenientes do país de origem, estabelecendo relações de amizade e afetividade com brasileiros/as e, em última instância, estabelecendo vínculos empregatícios, embora, muitas vezes, temporários.

Ainda são bastante incipientes as discussões teóricas nas ciências humanas em geral acerca do/a migrante africano/a no Brasil. Destacamos os trabalhos de Hirsch (2007), Petrus (2005), Desidério (2006), Mungoi (2006), Gusmão (2006; 2005), Zamberlam et al. (2009) e Subuhana (2007) que apresentam discussões muito importantes sobre a migração de qualificação envolvendo países africanos em que é



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

possível colocarmos como ponto de análise e discussão a representação social do estrangeiro negro, da constatação de ser africano principalmente quando se depara com a realidade brasileira, além de focar as particularidades do processo migratório, da “dupla dimensão de fato coletivo e trajetória individual” (PETRUS, 2005, p. 314).

Sobre a migração de estudantes africanos/as nos pautamos em Gusmão (2006) quando afirma que ela, sendo temporária ou não, torna esses sujeitos portadores de características específicas próprias da cultura de cada um – já que nos referiremos a este grupo social de países de língua portuguesa (PALOP), caboverdianos, guineenses, angolanos, moçambicanos, são-tomenses – e, ainda, de condições étnicas originárias e tradicionais. Essa constatação nos traz um questionamento acerca dos conflitos diante de tais elementos internos, referentes à cultura local e tradicional com os elementos da cultura “externa”, do *modus vivendi* brasileiro.

O/a imigrante, de maneira geral, é um sujeito que não vive uma realidade homogênea e, mesmo como um grupo social na condição de estudantes, não representa uma comunidade de iguais, pois “trata-se de grupos que conformam coletividades, no sentido de um grupamento de indivíduos com a mesma procedência, já que nascidos em África, porém, de diversos contextos nacionais, étnicos e tribais” (BAUGARTEN citado por GUSMÃO, 2006, p. 51). É notável que haja muitas trocas entre estes sujeitos que produzem uma vida social e coletiva, no entanto, o que Gusmão (2006) nos ajuda a pensar é que, embora estudante, a situação deste/a migrante africano/a em nada se difere dos outros grupos sociais migrantes, pois também são vistos como “estrangeiros na terra do outro” (GUSMÃO, *idem*)

Focamos nossa observação sobre a interrelação dos discursos do sujeito social em questão, seja na condição de imigrante, estudante e africano/a e na forma como ela se delinea na vivência cotidiana, num jogo de justaposições e sobreposições em que a identidade enquanto africano/a ainda demonstre ser a mais observada ou reforçada, embora essa constatação esteja diretamente relacionada à maneira como vivenciam e compreendem a questão racial.

É evidente a absorção negativa do estudante diante da estigmatização do/a negro/a brasileiro/a associada à pobreza, sujeira e inferioridade que, no início, é incompreendida, pois a maioria destes estudantes estrangeiros faz parte de um grupo seleto de jovens que estão cursando o ensino superior no Brasil para retornarem a seus



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

países com “qualificação acadêmica”, constituindo a futura elite intelectual. Para estudantes que entrevistamos até aqui, ser negro/a corresponde a uma categoria de identificação menos evidenciada que o ser africano/a. Como nos apresenta Hirsch, “a aquisição de um diploma no exterior é percebida como uma possibilidade alternativa de manutenção do *status* ou de mobilidade social ascendente” (2007, p.141). Paradoxalmente, estes jovens se deparam com as situações de racismo e o *status* inferiorizante de ser negro/a.

Considerações finais

Por meio de leituras de diversas áreas do conhecimento, torna-se imprescindível destacar a representação social dos migrantes africanos na terra de “destino”, pois, em consequência do racismo, são mais estrangeiros que outros grupos sociais e tratados, muitas vezes, como lixo social. Cabe verificar também como se configura as relações desses migrantes com os não-migrantes nos espaços de socialização e a construção de novas identidades com a realidade brasileira.

O imigrante estrangeiro não é um sujeito qualquer que cruzou as fronteiras da sociedade em questão. Nos inquieta o próprio termo “estrangeiro” e a maneira como esta categoria abarca diferenciações quando cruzamos as variáveis classe, raça e/ou gênero. Como salienta Gusmão (2005) ela remete à “condição dos sujeitos que, vindos do exterior, adentram as fronteiras de um espaço físico e social que não é o seu “espaço”, fazendo ‘nascer’ o imigrante, categoria que só tem existência a partir da sociedade que recebe o “estrangeiro” (2005, p.62). Além dessa perspectiva, salientamos que os movimentos migratórios no continente africano, apesar da diversidade, apresentam tendências globais com especificidades de fluxos migratórios africanos, sejam motivados por conflitos políticos, interesses econômicos, mascarados pelo discurso do acesso à educação superior.

Do ponto de vista crítico, concordamos com Kurz (2005) quando diz que acontece nos últimos tempos uma crescente migração de gente com estudos, provenientes de países da periferia. Mas não podemos compreender este fenômeno sem nos remetermos à crise do Estado em suas particularidades socioeconômicas, políticas e culturais, que acabam sendo responsáveis pela diminuição das possibilidades de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

emprego das pessoas com estudos, ao mesmo tempo em que incentiva a busca pela qualificação educacional, assegurando seu ideal de desenvolvimento.

Referencias bibliográficas

ARAUJO, Ângela Maria C.; FERREIRA, Verônica C. Relações de gênero e sindicatos no contexto da reestruturação produtiva. In: ROCHA, Maria Isabel B. (org^a.) **Trabalho e gênero**: mudanças, permanências e desafios. São Paulo: Ed.34, 2000.

BECKER, Olga Maria S. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, Iná E. de.; GOMES, Paulo César da C.; CORREA, Roberto L. (orgs.) **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DESIDÉRIO, Edilma de Jesus. **Migração internacional com fins de estudo**: o caso dos africanos do Programa Estudante-Convênio de Graduação em três universidades públicas no Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado (Escola Nacional de Ciências Estatísticas). Programa de Pós-Graduação em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais. 220 p. Rio de Janeiro, 2006.

GAUDEMAR, Jean Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Estampa, 1977.

GOETTERT, Jones Dari. Gentes, migração e transitividade migratória. **Espaço Plural**, Ano X, n. 20, 1º Semestre 2009. pp. 53-62.

GUSMÃO, Neusa M. Mendes. África e Brasil no mundo acadêmico: diálogos cruzados. **Focus**, Unicamp, 10/2008.

_____. Trajetos Identitários e Negritude: jovens africanos no Brasil e em Portugal. **Impulso**, Piracicaba, 17(43): 45-57, 2006

_____. **Os filhos da África em Portugal**: Antropologia, multiculturalidade e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HIRATA, Helena; HUMPHREY, Jonh. O emprego industrial feminino e a crise econômica brasileira. **Revista de Economia Política**. N.16, v.4, pp.87-107, out./dez. de 1984.

HIRSCH, Olívia N. “**Hoje eu me sinto africana**”: processos de (re)construção de identidades em um grupo de estudantes cabo-verdianos no Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). 214p. Rio de Janeiro, 2007.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, vol.1, Cap. 1, 1993.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MUNGOI, Dulce Maria D. C. J. **“O mito Atlântico”**: relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de construção e reconstrução de suas identidade étnicas. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Porto Alegre, 2006.

PETRUS, Regina. Jovens imigrantes angolanos no Rio de Janeiro: redes sociais, identidade, segregação e estigma. In: POVOA-NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**.- Rio de Janeiro: Revan, 2005. pp. 311-332.

POVOA-NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**.- Rio de Janeiro: Revan, 2005.

SARAIVA, José F. Sombra. **As Relações do Brasil com os Países de Língua Portuguesa**: Oportunidades, Esquecimentos e Relançamentos. Disponível em: www.casadasafricas.org.br. Acesso em: 28/05/2011.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SUBUHANA, Carlos. Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidade e redes sociais. **Imaginário** - USP, 2007, vol. 13, no 14, 321-355

VAINER, Carlos B. Reflexões sobre o poder de mobilizar na contemporaneidade. In: POVOA-NETO; FERREIRA, Pacelli. (orgs.) **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**.- Rio de Janeiro: Revan, 2005. p.251.274.

ZAMBERLAM, Jurandir et AL. **Os estudantes internacionais no processo globalizador e a internacionalização do ensino superior**. Porto Alegre: Solidus, 2009. 140p.